



REDACÇÃO PRINCIPAL  
**ALEXANDRE VIEIRA**  
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho  
EDITOR — Carlos Maria Coelho

Redacção, administração e tipografia, Calçada do Combro, 38-A, 2.º

Endereço telegráfico: Taha — Lisboa • Telefone 5339

Officinas de impressão — Rua da Atalaia, 114 e 116

# A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

## Arbitrariedade ridícula

As paredes de Lisboa, em determinados pontos, são verdadeiros mostruários da imoralidade de certos indivíduos e, por vezes, de certos grupos de indivíduos. Se o papel consente o que lhe queiram imprimir, por sua vez as paredes consentem os papéis que lhes queiram afixar. Temos visto pelas paredes sujas da capital toda a qualidade de papéis exteriorizando as mais diversas opiniões e até não exprimindo opinião alguma. É frequente topar-se com defesas acaloradas do jogo, escritas em linguagem despropositada contra as instituições. Já fomos nas paredes incitamento ao deboche, à desmoralização — basta ver os cartazes das revistas do ano! Temos visto mesmo representações da autoridade delicadas nestas leituras.

Convencer-nos-íamos de que as instituições republicanas só seriam tolerantes para com as ideias quando estas só pregassem nos muros, se não tivéssemos assistido, por várias vezes, à destruição furiosa, por parte das autoridades, dos raros papéis que defendem qualquer coisa de moral, ou pelo menos algo que contraste violentamente com a imoralidade que em regra as paredes adere, como exploração repugnante e nauseabunda.

Quizeram os jovens comunistas, crentes numa liberdade de que os batoteiros e os especuladores da ingenuidade pública abusam, afixar por sua vez uns cartazes em francês, que ninguém compreendia e que para eles representava apenas o prazer espiritual de afixar uma ideia incompreensível. Logo as nossas inteligentes autoridades torceram a vista e impediram o inofensivo gesto. Bem. Que proibissem a afixagem em francês, pelo mesmo motivo porque proibiram nos cinema as legendas em espanhol — para evitar o som obscuro que as palavras engano e cana produzem ditas em castelhano — está bem. Agora, que o zelo desmedido, na defesa do idioma nacional, vá ao ponto de, tanto em Lisboa como no Porto, atirar para as enxovias os jovens comunistas, não se compreende.

Deixa de ser um gesto grotesco da polícia para se filiar nas inúmeras arbitrariedades odiosas, que revoltam, que indignam e contra as quais erguemos o nosso veemente protesto.

Estamos convencidos de que o governo, atentando no ridículo que o gesto incoerente da polícia, que não sabendo português, muito menos compreende o francês, acarreta para as instituições republicanas, ordenará a imediata liberdade dos presos.

On isto continua a ser o eterno país de opereta.

## A república e a reacção

Como o administrador do conselho de Viana-do-Castelo, um padre, respeita a liberdade de pensamento

VIANA-DO-CASTELO, 5-C. — Havia quem pensasse que, em liberalíssimo regime republicano, a igreja, de quem o Estado para salvar a honra do convento se divorciou, já mais teria influência em assuntos que ao mesmo, por infelicidade dos homens e ignorância das bestas, dizem respeito. Porém, a capital de um distrito, que já tem sido chefiado por padres, oferece-nos como administrador do conselho e comissário de polícia o reverendo Cardoso (!) em cujo bestinho de carola não cabe ideia de poderem-se vender livros de propaganda social. Foi assim que no quiosque «Universo» e «Americana Chaparral» mandou aprender a Rússia Vermelha, Na Linha de Fogo, A Moral Anarquista, etc., sendo preciso várias idas e vindas para que os livros fossem entregues — com a intimação de os devolverem para Lisboa! Nem o Quo Vadis porque «não é esse o Quo Vadis que se deve ler»!!!

Para prestígio da república e glória dos nossos livres-pensadores só falta o Porca Parideira ser governador civil. Então, aí de aqueles que morressesem não sendo casados pela igreja... Torturá-los-la, in mortis, antes de entrarem no inferno!!!

## O momento internacional

NA ITALIA  
Os «fascisti» de Roma repelido o pacto de R.ia

A federação «fascista» da província de Modena, aprovou numa reunião uma ordem do dia repellido o tratado de pacificação, firmado em Roma com os socialistas.

Por toda a parte continuam como antes os conflitos entre «fascisti» e operários.

Em Ferrara num destes motins ficou morto o «fascista» de 17 anos, Vaccari Luigi, e os companheiros do morto em sinal de solidariedade maltrataram alguns subversivos, ameaçando-os de morte, e falando em destruir as organizações operárias.

Em Chioggia num encontro com operários ficaram feridos quatro «fascisti», mas não gravemente.

NA POLONIA  
Agitação entre os mineiros

Em Sosnowice realizou-se um «meeting» monstro, convocado espontaneamente, e ao qual assistiram seis mil operários. Os assistentes protestaram vivamente contra o comércio usurário e clandestino, votando a moção seguinte: «Os operários sabem que transportes de víveres passam para a Alemanha como contrabando. Declaram que é esta a última reunião em que tratam disto, e que saberão trazer perante o seu próprio tribunal os negociantes polacos, e

Auxiliemos o povo russo!  
A fome não espera e o auxílio é urgente!

Nos homens livres e humanitários

Neste momento em que a Rússia se debate com uma tremenda crise económica, provocada principalmente pelas dificuldades que lhe criaram os governos dos outros países, impõe-se a solidariedade de todos os homens livres e intelectuais para com o povo russo.

Comité de auxílio ao esmo-meado da Rússia

De Berlim recebemos o boletim do «Comité de auxílio aos esmo-meados da Rússia», instituição que se propõe receber e enviar para a Rússia os donativos com que os trabalhadores de todo o mundo desejem auxiliar as populações das províncias russas atingidas pela seca.

Sindicato Unico da Construção Civil

Reúnem-se em assembleia geral o Sindicato Unico da Construção Civil para apreciar a circular enviada pela Confederação Geral do Trabalho convidando aquele Sindicato a pronunciar-se sobre a melhor forma de auxiliar o povo faminto da Rússia. Depois de várias discussões foi aprovado o alvitre exposto na circular da C. G. T. que é o estabelecer-se a cada mínima, para cada subscritor, de um escudo por uma só vez, mas facultando a quem a quem a sua situação económica não permita subscrever com aquela quantia, a liberdade de o poderem fazer com qualquer quantia segundo as suas possibilidades.

Foi nomeada uma grande comissão que terá a seu cargo a recolha dos donativos angariados, devendo para tal o Sindicato mandar imprimir listas a fim de serem profundamente espalhadas por todos os locais onde trabalhem operários da Construção Civil.

Continuamos a registar os donativos que nos têm sido enviados para acudir à crise por que está passando a Rússia, devido a uma terrível seca da mais rica região cerealífera e também ao bloqueio das potências que, pretendendo esmagar os soviets, tem sacrificado o povo russo.

Transporte	1.131\$21
João O. Vieira	1850
António Gonçalves Pina	1850
António Jaime Buchinho	850
Manuel Pedro das Neves	1800
Teotónio Fereverlo Pardo	1800
João Alves da Costa	1800
A. A. O.	1850
Um grupo de bombeiros municipais	4850
João Silva Naves	1800
Uma quantia tirada na Travesa	1800
S. Bernardino, pálio, promovida por António Duarte Areaga	15\$00
Quantia tirada pela juventude sindicalista do Porto	56\$15
Livia	1800
Manuel José	1800
João Seabra (joven comunista)	1850
António Coelho Pereira	2850
Quantia em Setúbal numa fábrica de conservas	52\$25
50 c. de uma quantia em Tavira	7800
Damião Sales Reis	1870
João Domingos	1850
Um serafiteiro	1800
Reinaldo Falcão	2850
Inácio Costa	1800
Artur Marques	1800
João Estrela	1800
Gumercindo V. Peres	7850
A. C.	5800
A transportar	1.253\$95

que fiscalizarem os trens de víveres saindo da Polónia.

NA HUNGRIA  
Conflitos sangrentos entre austríacos e húngaros

Segundo o tratado de Trianon, a Hungria teria de entregar à Áustria alguns territórios das suas províncias ocidentais, mas as tropas húngaras, em vez de retirarem dessas regiões no prazo marcado, atacaram com metralhadoras a guarda austríaca enviada para Oedenburg, a fim de aí fazer o serviço de polícia.

No combate ficaram mortos muitos soldados dos dois lados, tendo partido de Viena batalhões de operários para fazerem frente aos soldados húngaros, que se recusam a obedecer às ordens da Comissão inter-alhada.

NA INDIA  
A revolta contra a Inglaterra vai-se alastrando

A revolta na costa sudoeste da Índia vai-se tornando cada vez mais séria, estando toda a região do distrito de Malabar nas mãos dos insurretos. Em muitas cidades tem sido assassinados oficiais, funcionários e soldados ingleses, contando-se já milhares de vítimas. Em Calcutá as mulheres e crianças inglesas refugiaram-se nas casernas com receio dos revoltosos. Foi para lá enviado um cruzador pelas autoridades inglesas, a fim de proteger todos os seus súbditos.

U. S. O.

Comissão Administrativa

Reúne hoje, pelas 21 horas, a comissão administrativa juntamente com a comissão que está tratando da falta de água, a fim de se ocupar de assuntos urgentes e inadiáveis.

É necessária a comparência de todos os seus componentes à hora acima indicada.

Todos os trabalhadores que se mostram refractários ou indiferentes a ingressar no exército dos associados, convertem-se em inconscientes e doces instrumentos dos burgueses contra os seus próprios irmãos.

A Conferência inter sindical ferroviária preparatória do respectivo congresso de indústria donde deverá surgir a Federação Ferroviária de Portugal e Colónias

realizar-se há nos dias 2 e 3 de outubro próximo na cidade do Porto

Aos trabalhadores dos caminhos de ferro de Portugal e Colónias, a todos os ferroviários das linhas férreas do país vai ser distribuído o seguinte manifesto:

«Camaradas — Por um dos delegados ferroviários à Confederação Geral do Trabalho, foi apresentada em reunião da Secção das Federações efectuadas no dia 30 p. m. uma moção pela qual se convidava a C. G. T. a preparar a realização de uma conferência inter-sindical ferroviária, a fim de serem nessa assembleia debatidos os assuntos de organização, económicos e profissionais, que interessam aos trabalhadores dos Caminhos de Ferro de Portugal e Colónias, levando o pessoal de todas as redes ferroviárias a tomar efectiva participação no respectivo Congresso de Indústria, que deve criar a Federação Ferroviária de Portugal e Colónias.

Foi essa moção aceite com entusiasmo pelos delegados que compõem a Secção das Federações, resolvendo os mesmos que imediatamente se iniciassem os trabalhos de propaganda, tendo em vista a necessidade de uma conferência que se realize o mais rapidamente possível.

Por isso foi logo eleita uma comissão organizadora e de propaganda, composta pelos sinatários, que na sua primeira reunião resolveram:

- 1) Editar o presente manifesto, convidando os sindicatos ferroviários existentes a desenvolverem a máxima propaganda e a editar outros manifestos pondo a questão ao pessoal das diferentes redes por esses organismos representadas.
- 2) Convidar a uma reunião conjunta os elementos ferroviários da C. P. e do S. S. que cumpram uma comissão organizadora do Congresso Ferroviário a fim de coordenar os trabalhos já realizados por essa comissão com os da conferência.
- 3) Realizar sessões de propaganda com o fim de preparar os ferroviários de todo o país para prestarem o seu concurso pessoal e colectivo aos trabalhos a realizar, fazendo-os ingressar na realização do Congresso Ferroviário.
- 4) Marcar a Conferência para os dias 2 e 3 de Outubro próximo, na cidade do Porto, fazendo-se representar o pessoal de cada rede ferroviária por 3, 5 ou 7 delegados, atendendo a que há sindicatos com delegações, que por sua vez podem querer nomear delegados directos.
- 5) Subdividir os delegados encarregados da propaganda nos vários pontos da rede ferroviária em três brigadas, sendo uma para o Sul e Sueste, nos dias 18, 19, 20, 21, 22 e 23 do corrente, que tomará parte nas sessões a realizar em Faro, Funchal, Beja, Casa Branca, Évora e Beiramar; outra para as linhas da Companhia Portuguesa, nos dias 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25 e 26, que realizará as sessões na Covilhã, Castelo Branco, Torre das Velas, Entrincamento, Alentejo, Caldas da R.inha, Pamplhosa, Ovar e Gaiá, tomando a terceira as linhas do Minho e Douro, Beira Alta, Vale do Vouga, Companhia

No Congresso dos sindicatos vermelhos em Moscúvia

Na conferência dos delegados ao congresso dos sindicatos vermelhos, celebrada a 22 de Julho, em Moscúvia, Trotski disse:

— Todos os anarquistas da Rússia são uns canalhas e uns malfiteiros. Nenhum dos que actualmente estão na prisão pode ser posto em liberdade.

Leval, delegado anarquista da C. N. T. de Espanha, pediu as provas desta afirmação.

Trotski, colérico, respondeu:

— Quem sois vós? Não vos conheço, e por isso não preciso responder-vos!

Arlandis pediu também explicações ao ditador.

Trotski agarrando-o pelo casaco, e sacudindo-o, contestou-lhe:

— Fazem-me a impressão duma mulher histérica. Eu, como comissário do povo, não tenho necessidade de vos dar explicações. A minha palavra deve bastar.

Os delegados dum congresso sindicalista internacional não tem direito a pedir a liberdade desses «bandidos contra-revolucionários». Nós é que somos unicamente os responsáveis da nossa acção aqui na Rússia.

Sirole pediu a independência dos sindicatos russos.

Trotski respondeu:

— Os sindicatos na Rússia são um ramo do Estado soviético. A C. G. T. francesa com Jouhaux, Dumoulin, etc., não serve ao Estado francês? Com mais forte razão devem os sindicatos russos servir a república soviética.

— E a burocracia sindical?

Trotski:

— Não há também funcionários nos sindicatos franceses e alemães? Como poderiam trabalhar os sindicatos sem funcionários?

(Traduzido de Der Syndikalist, de Berlim).

Todos os trabalhadores que se mostram refractários ou indiferentes a ingressar no exército dos associados, convertem-se em inconscientes e doces instrumentos dos burgueses contra os seus próprios irmãos.

O cadáver da vítima deu ontem entrada na morgue a fim de ser auto-psiado

Este crime que veio mais uma vez

## NA CADEIA DO LIMOEIRO

### O recluso envenenado

A notícia do selvático crime impressiona vivamente a opinião operária

Causou a mais justificada revolta na opinião operária a notícia que ontem A Batalha inseriu de ter falecido na cadeia do Limoeiro um dos reclusos vítima de um selvático crime de envenenamento. Resumamos o caso: Geráσιο António Lopes, natural de Vila Nova de Ourem, de 50 anos, filho de Joaquim António Lopes e de Maria Nazaré e casado com Maria Afonso, estava preso sob a acusação de ofensas corporais, tendo dado entrada na cadeia do Limoeiro em 31 de Agosto do corrente ano.

Era um antigo operário da Companhia Carris reformado, e como não se encontrasse no uso das suas faculdades mentais, achava-se na enfermaria da cadeia onde na sexta-feira levantou-se, pela meia noite da cama, a pedir que lhe dessem vinho.

Este gesto de irresponsável, valeu-lhe o ser forte e bárbaramente amarrado, de pés e mãos, sendo-lhe dado um calante qualquer mas em dose tal que a pobre vítima logo que bebeu dum trago o conteúdo do copo, caiu redondamente no chão, onde ficou contorcendo-se, em terríveis convulsões, até perder os sentidos, nada valendo o terem-lhe metido as mãos e as pernas dentro de água a ferver.

Na casa de banho, que é de lagedo, se conservou o desgraçado até domingo pois só nesse dia foi o infeliz libertado daquele cárcere privado e, inerte, colocado sobre uma cama, onde então lhe cortaram as fortes ligaduras que lhe impediam quasi por completo a circulação do sangue, vindo, porém, o desgraçado a falecer nesse mesmo dia.

O cadáver da vítima deu ontem entrada na morgue a fim de ser auto-psiado

Este crime que veio mais uma vez

Na cadeia do Limoeiro, o crime de envenenamento impressiona vivamente a opinião operária.

Na cadeia do Limoeiro, o crime de envenenamento impressiona vivamente a opinião operária.

Na cadeia do Limoeiro, o crime de envenenamento impressiona vivamente a opinião operária.

Na cadeia do Limoeiro, o crime de envenenamento impressiona vivamente a opinião operária.

Na cadeia do Limoeiro, o crime de envenenamento impressiona vivamente a opinião operária.

Na cadeia do Limoeiro, o crime de envenenamento impressiona vivamente a opinião operária.

Na cadeia do Limoeiro, o crime de envenenamento impressiona vivamente a opinião operária.

Na cadeia do Limoeiro, o crime de envenenamento impressiona vivamente a opinião operária.

Na cadeia do Limoeiro, o crime de envenenamento impressiona vivamente a opinião operária.

Na cadeia do Limoeiro, o crime de envenenamento impressiona vivamente a opinião operária.

Na cadeia do Limoeiro, o crime de envenenamento impressiona vivamente a opinião operária.

Na cadeia do Limoeiro, o crime de envenenamento impressiona vivamente a opinião operária.

Na cadeia do Limoeiro, o crime de envenenamento impressiona vivamente a opinião operária.

Na cadeia do Limoeiro, o crime de envenenamento impressiona vivamente a opinião operária.

Na cadeia do Limoeiro, o crime de envenenamento impressiona vivamente a opinião operária.

Na cadeia do Limoeiro, o crime de envenenamento impressiona vivamente a opinião operária.

Na cadeia do Limoeiro, o crime de envenenamento impressiona vivamente a opinião operária.

Na cadeia do Limoeiro, o crime de envenenamento impressiona vivamente a opinião operária.

Na cadeia do Limoeiro, o crime de envenenamento impressiona vivamente a opinião operária.

Na cadeia do Limoeiro, o crime de envenenamento impressiona vivamente a opinião operária.

Na cadeia do Limoeiro, o crime de envenenamento impressiona vivamente a opinião operária.

Na cadeia do Limoeiro, o crime de envenenamento impressiona vivamente a opinião operária.

Na cadeia do Limoeiro, o crime de envenenamento impressiona vivamente a opinião operária.

Na cadeia do Limoeiro, o crime de envenenamento impressiona vivamente a opinião operária.

Na cadeia do Limoeiro, o crime de envenenamento impressiona vivamente a opinião operária.

Na cadeia do Limoeiro, o crime de envenenamento impressiona vivamente a opinião operária.

Na cadeia do Limoeiro, o crime de envenenamento impressiona vivamente a opinião operária.

## A BATALHA

Já aqui tivemos ocasião de dizer que as deficiências que todos nós encontramos em A Batalha provêm da sua publicação com duas páginas apenas.

Enquanto à nossa disposição estiver apenas o reduzido espaço de duas páginas não poderá A Batalha satisfazer as necessidades da propaganda e as aspirações dos seus leitores.

É a falta de espaço que nos obriga a descurar muitos assuntos de interesse geral e que nos impede intensificar o combate pela liberdade económica, intelectual e racional que foi o fim determinante da publicação de A Batalha.

«A Batalha» dizem muitos dos nossos amigos e com eles plenamente concordamos — é um jornal corporativo apenas. E' preciso que ela agite questões e debata ideias. E' preciso que ela desempenhe uma função educadora.

Mas como poderá A Batalha deixar de ser um jornal corporativo se só os comunicados dos organismos sindicais e os assuntos de interesse das classes ocupam a reduzida dezena de estreitas colunas de que diariamente dispõe?

Como há de ela agitar ideias e questões se, montada toda a engrenagem do jornal para a sua publicação com duas páginas só, não temos condições nem possibilidades de fazer mais e melhor do que fazemos?

O problema de A Batalha reduz-se, portanto, à sua publicação diária com quatro páginas. Só assim podemos fazer de A Batalha um jornal para toda a gente, um jornal de interesse para todos. Só então, sem prejuízo dos interesses corporativos e do noticiário associativo, poderemos dar uma larga e útil informação, agitar questões e debater ideias, sustentar uma campanha educativa e moralizadora, acompanhar com a actualidade o desenvolvimento que merece o movimento operário universal expondo as suas causas, o seu significado e suas prováveis consequências nas transformações económicas, políticas e sociais próximas a realizar-se em todo o mundo.

A publicação de A Batalha com quatro páginas, permitindo a agitação de assuntos palpitantes e de interesse geral, proporcionar-lhe há uma mais larga expansão.

A expansão de A Batalha! Eis aqui outro problema.

Não causará surpresa nem sequer estranheza a ninguém se dissermos que o regime das duas páginas, com as deficiências dele resultantes, afectou sensivelmente a expansão de A Batalha. E' compreensível. A expansão de um jornal é tanto maior quanto mais numerosas forem as classes ou mais largo for o público a que esse jornal interessa.

A importância da expansão de A Batalha é não menos compreensível. Quanto maior ela for, maior será o impulso alcançado pela nossa acção sindicalista, mais se avolumará o movimento revolucionário em Portugal e maior êxito terão as nossas campanhas e as nossas iniciativas, e os movimentos de opinião que pretendemos organizar.

Esse problema da expansão de A Batalha, importantíssimo, quer para a sua vida material, quer para os fins de organização e de propaganda para que foi criada, só pode encontrar a solução desejada na publicação do jornal com quatro páginas diariamente.

De facto, podendo então interessar um maior número de classes, podendo então dirigir-se a um público mais vasto, o número dos seus leitores aumentará, e sendo maior a expansão de A Batalha conseguiremos, além de obter recursos materiais que bastante nos interessam, popularizar mais as nossas ideias e as nossas iniciativas, o que a todos nós, operários lutadores, muito mais interessa ainda.

O desenvolvimento e a expansão de A Batalha afecta, de modo e indiscutivelmente, os interesses de todo o proletariado organizado, podendo dizer-se que do desenvolvimento e da expansão de A Batalha depende a vida da organização sindical.

Portanto, mais uma vez dizemos:

Portanto, mais uma vez dizemos:

Portanto, mais uma vez dizemos:

Portanto, mais uma vez dizemos:

Portanto, mais uma vez dizemos:

Portanto, mais uma vez dizemos:

Portanto, mais uma vez dizemos:

Portanto, mais uma vez dizemos:

Portanto, mais uma vez dizemos:

Portanto, mais uma vez dizemos:

Portanto, mais uma vez dizemos:

Portanto, mais uma vez dizemos:

Portanto, mais uma vez dizemos:



